

DF - Brasília Universidade do trabalho

24 JAN '98

Edward Pinto da Silva

O processo de industrialização da Região Geoeconômica de Brasília, que finalmente será iniciado no Governo Roriz, depois de anos de debates estéreis, traz no seu bojo uma quase antítese da idéia *mater* que lhe deu origem, a colocação da mão-de-obra.

Trocando em miúdos: na região, apenas Brasília dispõe de um estoque de algumas dezenas de milhares de desempregados, e anualmente ingressam no mercado de trabalho, cerca de 30 mil pessoas, mas a falta de qualificação profissional ameaça afastar grande parte desses dois apreciáveis contingentes, de um processo — o de industrialização — voltado para o todo.

A chocante constatação de que tentamos criar empregos para quem não pode exercê-los é ainda mais grave se considerarmos que respeitável parcela da massa ocupada é também despreparada, mesmo no exercício das mais simples funções: são empacotadores que não sabem fazer pacotes, vendedores que maltratam o freguês, "farmacêuticos" que brincam perigosamente com a saúde das pessoas — um autêntico faroeste profissional.

A improvisação tem sido aceita paciente e reciprocamente pela população de Brasília, sob o argumento, até certo ponto aceitável, de que a cidade cresceu numa velocidade que não permitiu o equilíbrio das necessidades com as possibilidades.

Mas este é um governo que veio para apresentar soluções e não para oferecer ou renovar desculpas, que tem a missão de encontrar fórmulas novas para velhos problemas e, dentre estes, ganha projeção o da forma-

ção profissional. A abnegada atuação do Senai e do Senac, o trabalho desinteressado de algumas instituições filantrópicas e o desempenho das escolas particulares que atuam no setor já parecem insuficientes para atender as realidades do presente, quanto mais às projeções do futuro.

E quando se fala em futuro, as premissas têm de ser necessariamente inovadoras, para que não caiam na defasagem do tempo. A receita para Brasília — dispensemos novos preâmbulos — está desenhada num projeto que leve ao erguimento de uma Universidade do Trabalho fundamentada em três princípios básicos: engajamento na sociedade, que exclua o compromisso de formação das elites, que exista em função do trabalho.

Partindo daí, essa universidade formará profissionais nos níveis necessários a suprir as deficiências na comunidade, com o que se evitaria o desequilíbrio hoje existente: faltam balconistas, gerentes, secretárias etc, mas sobram bacharéis em Direito, Economia, Engenharia etc.

Pode parecer um projeto ambicioso, mas não é. Em primeiro lugar, sendo o empresário um dos maiores beneficiados com a iniciativa — e funcionando a universidade em regime de fundação — poderiam contribuir com recursos financeiros e técnicos, e até participar da administração entidades como o Senai e o Senac; formação profissional encontra justificativa de custeio em órgãos do Governo Federal, como os Ministérios da Educação e do Trabalho; e pesam ainda, nos crité-

rios da idéia, os inúmeros benefícios sociais decorrentes.

É um projeto para ser executado a médio e longo prazos. Na realidade, visa mais ao jovem que ainda vai entrar no mercado de trabalho do que a quem, mesmo com deficiência, ajuda a manter a vida econômica da Capital. E explicamos por quê: não é fácil ao trabalhador, pelo esforço que requer, fazer um curso de aperfeiçoamento depois de uma jornada de trabalho.

Além do mais, é preciso considerar que hoje, com a moderna tecnologia, as indústrias já não são tão consumidoras de mão-de-obra e que, portanto, cabe ao administrador levar em conta outras vocações da economia que dirige, que no caso de Brasília têm sido voltadas para o comércio e o setor de serviços. Somente a Universidade do Trabalho será capaz de oferecer um leque tão amplo de alternativas de profissões, de maneira racional.

A curto prazo, as opções não são animadoras: vamos continuar convivendo com o despreparo ou, em momentos de grande procura, como no processo de industrialização, teremos de recorrer à mão-de-obra importada, enquanto cresce o número de nossos desempregados.

Idéias não se escondem, levam-se ao debate dos interessados. É o que estamos fazendo com esta da Universidade do Trabalho. Esperamos que sindicatos de trabalhadores, entidades de empresários, educadores etc comecem a pensar no assunto, a elaborar sugestões.

□ Edward Pinto da Silva é secretário do trabalho do Distrito Federal